

A imigração alemã no Rio Grande do Sul, em revistas

René E. Gertz*

Em 2010, comecei a orientar bolsistas para elaboração de bibliografia sobre imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul. Entrementes, estou aposentado da atividade acadêmica, o grupo de pesquisa foi desfeito, mas continuo atualizando a lista, que, neste momento (2024), chegou a 400 páginas, com quase 6.000 referências.¹ Ela apresenta publicações clássicas sobre o tema, desde o século XIX, mas também produção recente, incluindo ficção.

Evidentemente, não é possível reivindicar que seja um arrolamento completo, mas deve refletir, no mínimo, tendências gerais, da bibliografia. A lista tem sido referida, por outros pesquisadores, não só como instrumento de busca de fontes, de informações, mas também como indicador de interesses, de ênfases e de interpretações em relação a alguns aspectos ou mesmo ao conjunto do objeto em que se concentra, isto é, a história e a situação contemporânea de imigração e de colonização alemãs, no Rio Grande do Sul (Witt, 2023).²

Eu próprio fiz uma tentativa de análise parcial do material, em passado recente, quando selecionei as teses de doutorado e as dissertações de mestrado defendidas na década que vai de 2010 até 2019, constantes na lista. Nesta delimitação específica, é óbvio, o conjunto de trabalhos acadêmicos não deve ter sido completo, mas cheguei a um total de 212, nas duas categorias citadas, fato [109] que sugere que meu universo seja minimamente representativo daquilo que se produziu, em universidades (Gertz, 2022).

* Doutor pela Universidade Livre de Berlim. Aposentado, foi professor na UNIJUÍ, na PUCRS e na UFRGS. Membro do Instituto Histórico de São Leopoldo.

¹ Está publicada no seguinte endereço, na internet: <https://www.renegertz.com/arquivos/Bibliogra2022.pdf> (acessado em 9/1/2024).

² Marcos Witt, por exemplo, escreveu: “A leitura e análise atenta da listagem bibliográfica de René E. Gertz remete a uma das questões caras quando se organizam as comemorações do bicentenário da imigração alemã. Dentre as áreas que inovam ou se renovam, a profícua relação da história da imigração alemã com a literatura e a história ambiental soa promissora” (p. 48).

Peço licença para breve apresentação de algumas constatações feitas por mim, nesta primeira tentativa de análise bibliográfica. Quanto à origem “departamental” na estrutura acadêmica, 81% dos pouco mais de duas centenas de estudos provieram das seguintes cinco áreas: História (29%), Letras/Linguística (15%), Patrimônio Cultural (14%), Educação (13%), Ciências Sociais (8%).³ Dois fatos chamaram atenção, nesta indicação quantitativa sobre a origem dos trabalhos: 1) apesar de cursos de “patrimônio cultural” não estarem muito difundidos, foi neles que se produziram 14% dos estudos em questão; 2) analisando a origem dos escritos mais clássicos – a rigor, pioneiros – sobre imigração no Brasil, incluindo a alemã, constata-se que predominavam aqueles feitos por antropólogos, mas, na presente amostra, esta área só aparece com três ocorrências, num universo de 212, perfazendo escassos 1,4%.⁴

Num segundo momento, os dados sobre procedência “departamental” foram abandonados, para verificar o conteúdo central efetivo de cada um dos estudos. Nesta etapa, foi construída – de forma mais ou menos intuitiva – uma listagem que acabou redundando em 16 categorias. Como alguns trabalhos se dedicam, de forma clara, a mais de um tema, ou podem ser enquadrados em mais de um assunto, o total de entradas aumentou de 212 (o conjunto de teses e dissertações) para 256. Independente da citação de todas as 16 rubricas criadas, cabe ressaltar que as quatro com maior número de ocorrências foram “memória/identidade”, “política”, “educação”, “sul”, com um total de 124 referências, dentro de um universo de 256, perfazendo, portanto, 48%.

Para um conhecedor da imigração e da colonização alemãs, o percentual de referências à educação não surpreende, pois ela está muito presente tanto na “cultura historiográfica” do senso comum quanto em estudos tradicionais. Em contrapartida, aquilo que causa ao menos alguma surpresa são os outros três elementos.

Se é verdade que os antropólogos estão ausentes nos estudos mais recentes – como acaba de ser mostrado –, não há como não enxergar que enfoques “antropológicos” ponteiavam na preferência dos pesquisadores contemporâneos. A predominância do binômio memória e identidade não admite outra conclusão.

³ Considerando que os percentuais foram arredondados para menos, a soma não chega ao total de 81, apenas a 79.

⁴ Cabe lembrar que, em relação a estudos sobre imigração e colonização, nomes clássicos são: Egon Schaden, Emílio Willems, Giralda Seyferth, Manuel Diégues Júnior, Thales de Azevedo.

Da mesma forma, uma das expressões mais frequentes na bibliografia clássica sobre imigração alemã é “quistos étnicos”, querendo designar ausência de envolvimento político, isolamento em relação à realidade brasileira. Mas os dados indicam que política é o segundo assunto mais frequente.

Por fim, tanto o senso comum quanto a bibliografia tradicional concentram sua atenção, de forma maciça, nas regiões de colonização alemã da metade norte do Rio Grande do Sul. Por isso, foi surpreendente constatar que, em anos mais recentes, surgiu interesse sensível pela região “sul” – na verdade, sudeste –, com destaque para municípios como São Lourenço do Sul, Canguçu, Pelotas e alguns outros, nas proximidades.

Por último, neste levantamento e nesta breve avaliação preparados para uma publicação dedicada, em especial, à imigração e à colonização italianas, apareceram sete trabalhos acadêmicos que tratam das duas, numericamente, mais destacadas correntes imigratórias, para o Rio Grande do Sul. Como o total destes estudos é pequeno, pode-se fazer rápida referência a cada um. O de Aline Regina Horbach (2012) fez uma comparação na entonação linguística, nos dois grupos. Cristiano Gehrke (2018a) abordou o legado fotográfico, observando desde a frequência de uso deste tipo de imagens até seu formato e seu conteúdo. Tanto Helena Brum Neto (2012) quanto Elizandra Voigt (2013) se dedicaram a territórios ou regiões que incorporaram marcas culturais das duas etnias. Diogo Serafim Schmidt (2015) se ocupou com “valores étnicos e empreendedorismo”, isto é, com “a mentalidade empreendedora de descendentes de alemães e italianos no Rio Grande do Sul”, conforme registrou no próprio título de sua dissertação de mestrado.

Como se vê, cinco dos sete estudos apresentam como enfoque central vieses “antropológicos”. Apenas dois fogem desta tendência. O de Marcos César Cadore (2016) é um estudo típico de história política, tratando do tema “coronelismo”. Mesmo que o título sugira uma eventual comparação, de fato ele apenas dialoga com uma historiografia que sugere que nas regiões “coloniais” esta prática política não teria existido, ou tenha sido diferente, procurando mostrar que não foi bem assim.

Por fim, temos a tese de doutorado de Glória Silvina Lia Fernández Molina (2010). Partindo da constatação de que mesmo que a colônia de Caxias do Sul tenha sido fundada cerca de 25 anos depois da de Santa Cruz do Sul, o [111] desenvolvimento industrial da primeira é bem superior ao da segunda. Aqui, poderia esperar-se o recurso a variáveis “antropológicas”, como éticas, mentalidades ou condutas de vida decorrentes de origem étnica ou de tradição religiosa, para explicar a diferença, até para,

eventualmente, tentar mostrar a ineficácia da famosa tese weberiana sobre “ética protestante”. Mas o leitor se depara com uma análise absolutamente “materialista” – Santa Cruz simplesmente se teria desenvolvido menos, do ponto de vista industrial, pelo fato de que a agricultura local se dedicou, de forma predominante, ao cultivo do tabaco, cujo processamento demandava pouca tecnologia industrial, enquanto a dedicação à uva e à fabricação de vinho, em Caxias do Sul, teria levado a uma industrialização mais desenvolvida.

Resumidos os resultados desta primeira incursão numa tentativa de avaliar a bibliografia acadêmica de dissertações e de teses sobre imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul, o objetivo aqui, nesta segunda tentativa, é concentrar-se em artigos de revistas, no mesmo período (2010-2019). O argumento é o seguinte: sem dúvida, dissertações e teses possuem circulação limitada, à exceção daquele pequeno percentual que é publicado. Mesmo que não serão levadas em consideração as revistas de maior capacidade de divulgação, vendidas em bancas de jornal, os assim chamados “magazines”, mas apenas as ditas “científicas”, pode-se partir do pressuposto de que sejam mais lidas que dissertações e teses.

Preliminarmente, há dois aspectos a destacar: 1) parece óbvio que autores de dissertações e teses tenham publicado artigos a respeito, mas não será possível verificar estas ocorrências, de forma sistemática; 2) a importância das revistas é variada; em termos de avaliação acadêmica, seu “Qualis” oscila, portanto sua importância e sua eficácia em termos de divulgação e de repercussão apresentam variações – também este aspecto não será levado em conta.

Feito o levantamento de todos os artigos em revistas “científicas”, dentro do espaço cronológico indicado, chegou-se a um total de 405. Como se vê, é um número que representa quase o dobro dos estudos anteriores (212). Mas deve-se atentar para o fato de que no primeiro caso um autor ou uma autora aparecia, no máximo, duas vezes, com uma dissertação e uma tese. Aqui, constatou-se que alguns autores e algumas autoras foram bastante prolíficos, com vários artigos sobre o mesmo assunto. Por este motivo, foi mantida apenas uma entrada para aqueles autores ou aquelas autoras que repetiram determinada temática. A entrada múltipla por autor ou por autora foi mantida apenas para [112] os casos em que o objeto abordado nos artigos fosse diferente – mesmo que, claro, todos se referissem, de forma genérica, à imigração e à colonização alemãs. Com isto, as

ocorrências efetivamente incluídas nesta análise ficaram reduzidas a 300. Como se vê, mesmo assim, é quantidade superior à de dissertações e teses.

Confesso que ficou difícil lidar com esta grande quantidade de elementos. Metodologicamente, não me ocorreu nenhuma ideia mais luminosa que aquela já aplicada na análise anterior. Mas a repetição do formato até se justifica, porque permite algum tipo de comparação com o quadro que se evidenciou a partir das dissertações e das teses.

Num processo que, mais uma vez, envolve inegável dose de intuição, de subjetividade, classifiquei os artigos em 23 categorias temáticas. Da mesma forma que no caso anterior, também aqui alguns deles apresentam mais de um tema central, tendo sido, por isso, classificados em mais de uma categoria, perfazendo um total de 329. Na ausência de um insight mais espirituoso, de agora em diante, me restringirei a alguns comentários sobre aquilo que chama atenção, nesta classificação.

*

Como aconteceu na análise das dissertações e das teses, também agora a rubrica “memória/identidade” desponta como aquela com maior número de casos. São 53, num universo de 329, representando, portanto, 16%. Em verificação mais detalhada, constata-se que 28 delas lidam, de forma expressa, com o binômio citado, 18 tratam de algum tipo de patrimônio cultural, restando sete com outros vieses. Para demonstrar que não se trata de avaliação subjetiva, pode-se citar o dado numérico de que em 21 dos casos uma das duas palavras aparece no título.⁵

Entre aqueles textos em que memória e identidade estão mais implícitos que explícitos, ao tratar de aspectos de patrimônio material e imaterial, a arquitetura predomina, com seis registros. Museus, cemitérios, fotografias, mas também vestimentas, são outros objetos avaliados. Estes poucos elementos mostram que, tanto nas dissertações e nas teses quanto nos artigos de revistas, memória e identidade aparecem como temas recorrentes.

*

[113] “Política” despontou em segundo lugar, entre dissertações e teses. Mantém, aqui, a mesma posição. Dentro do esperado, também apresenta características semelhantes à amostra anterior. Há referências à política cotidiana, como transparece em

⁵ Doze vezes para “identidade”, e nove vezes para “memória”.

alguns títulos: “a mais estrita neutralidade em assuntos que nada vos diz respeito’: a participação de imigrantes alemães na guerra civil sul-rio-grandense (1835-1845)” (Schmitt, 2017); “os *Deutsch-Brasilianer* na compleição política sul-rio-grandense, no início da República: uma ameaça ao projeto de hegemonia política do PRR no alto Vale do Sinos” (Mossmann Sobrinho, 2013); “entre a farda e a moral positivista: o papel da Guarda Municipal de Lajeado (1891-1905)” (Cristo e Volkmer, 2016); ou “o processo emancipacionista do município de Teutônia/RS/Brasil” (Campos e Laroque, 2011).

Este tipo de assunto e de abordagem, porém, só abrange nove casos, num total de 31. Os demais 22 podem ser enquadrados, cronológica e tematicamente, no Estado Novo (1937-1945), incluindo “nacionalização”, nazismo, Segunda Guerra Mundial⁶, e assuntos afins. Não há dúvida de que estes temas sugerem, em algum sentido, a sobrevivência ou, então, a retomada, nas referências historiográficas, dos “quistos étnicos”, do “perigo alemão”, expressões que, por décadas, foram divulgadas como derivadas de apoliticismo ou mesmo de antipoliticismo generalizado entre a população de origem alemã, em relação ao Brasil. Claro, em tese, se poderia constatar, ou defender, agora, sua negação, sua inexistência.

De forma concreta, três artigos se dedicam ao nazismo, dois deles apontando para supostos ou efetivos “perigos” dele decorrentes (Soares, 2016; Grützmann, 2018)⁷, os demais apontam, muito mais, para efeitos negativos sobre a população “colonial”, causados pela alegada necessidade de combatê-lo, não só no sentido da proibição de uso da língua alemã, por exemplo, mas de outros tipos de perseguição psicológica e de agressões físicas.

Aqui, cabe registrar uma curiosidade. Não há dúvida de que o livro *Um rio imita o Reno*, de Clodomir Vianna Moog, publicado em 1938, teve importância considerável no processo de denúncia e de ação repressiva contra a população de origem alemã, no período indicado. Trata-se de um livro de ficção, que [114] retrata suposto ou efetivo clima de preconceitos que teria vigorado em Blumental (a São Leopoldo de Vianna Moog) – e que justificaria a repressão. Laureado, em 1939, com o Prêmio Graça Aranha, teve estrondoso sucesso de público, com a primeira edição esgotada em dias. Foi, oficialmente, incorporado aos instrumentos da campanha de “nacionalização” do governo

⁶ Há ainda dois artigos dedicados à Primeira Guerra Mundial (Müller, 2014; Pires, 2015).

⁷ O terceiro chama-se “Porque combatemos o nazismo: o jornal *Diário da Manhã* de Passo Fundo e seu discurso antinazista (1938-1945)” (Guidini, 2018), refletindo, portanto, um estudo mais analítico de uma fonte que um posicionamento pessoal do autor.

gaúcho, quando as bibliotecas das escolas receberam exemplares gratuitos. Interessante é que esta campanha, aparentemente, resultou em introjeção profunda, na memória coletiva, sobrevivendo até hoje, pois nada menos que quatro artigos se referem a esta obra literária, de forma expressa e exclusiva (Achinski, 2014; Redel e Fortes, 2013; Sachinski e Medeiros, 2014; Santos, 2014).⁸ Não custa lembrar que o mesmo livro foi tema de cinco teses e/ou dissertações (Gertz, 2022, p. 92), e apenas o nome de uma autora aparece repetido, entre os artigos.

*

Ao contrário da amostra anterior – na qual não cheguei a criar uma rubrica “religião” –, neste levantamento, ela aparece em segunda posição, com 31 ocorrências (9%), empatada com “política”. Claro, deve-se ter algum cuidado com este dado, pois acabaram sendo incluídos textos que se dedicam a instituições eclesiais, por exemplo. Por outro lado, porém, os vínculos do processo de imigração e colonização, aqui focado, com igrejas, com religião e com instituições afins não podem ser negados. Naquilo que tange às igrejas luteranas, sua inserção quase exclusiva entre a população de descendência alemã constitui evidência estatística (Gertz, 2001). Mas também não se pode esquecer que a atividade e a administração religiosa católica, nas “colônias”, estiveram estreitamente relacionadas à presença de padres jesuítas alemães e de origem, no mínimo, até 1930, como mostra artigo constante na própria lista com que se está lidando – “o retorno dos jesuítas ao Brasil e a atuação missionária entre os imigrantes alemães no sul do Brasil (1844-1938)” (Diel, 2017).

Livro clássico de Martin Dreher (1984) sobre “igreja e germanidade”, dedicado à ala majoritária do luteranismo brasileiro, sugere que ele, como elemento religioso, poderia estar mais relacionado com a “colônia alemã” que o catolicismo, ainda que, de forma alguma, no processo histórico da imigração e da colonização alemãs, este não tenha tido nada a ver com “germanidade”. **[115]** Lembre-se que a revista mais antiga em língua alemã ainda circulando no Rio Grande do Sul é a católica *Sankt Paulus-Blatt* (Klauck, 2014).

As estatísticas com artigos de revistas confirmam a tendência do senso comum em relacionar, de forma mais intensa, o protestantismo luterano com imigração e colonização

⁸ Além disso, deve-se lembrar que o livro foi comentado, junto com outros, num texto de Ernani Mügge e Juracy Assmann Saraiva (2015).

alemãs, que o catolicismo. Dos 31 artigos na rubrica “religião”, 18 tratam de algum aspecto de religiosidade luterana, sete se referem ao catolicismo, e cinco envolvem ambas as confissões. Como curiosidade, cabe registrar que o tema língua – historicamente, com muita frequência, relacionado à religiosidade, em especial à luterana – não é referido nenhuma única vez, quando trata deste tipo de protestantismo, mas há ao menos um artigo sobre o assunto envolvendo batistas: “região e fronteira da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã: um espaço cultural definido, mas em constante mudança” (Modes, 2017).

*

Uma rubrica a que dei o nome de “outros” abarca aqueles artigos que tratam da relação de alemães e descendentes com outros grupos. Num total de 23 ocorrências, uma é um apanhado genérico, uma trata de “italianos”, outra de “açorianos” e “italianos”. Chama atenção que as 20 restantes se dedicam a “minorias” que, no senso comum, aparecem como negativamente privilegiadas, indígenas e negros. Quatro fazem referência aos primeiros, e 16 aos segundos.

O contato direto, efetivo entre “alemães” e indígenas aparece sub representado, não apenas em termos relativos. Do total de quatro casos, um se dedica à análise do livro clássico de Matias Gansweidt intitulado *As vítimas do bugre*, que relata conflitos entre os dois grupos, no início do processo de imigração e colonização (Dornelles, 2011). Outro apresenta “os estranhamentos entre aqueles que estavam e aqueles que chegam: representações sobre o espaço e as relações entre indígenas e imigrantes alemães no Rio Grande do Sul” (Gevehr e Dilly, 2016). Os dois restantes, a rigor, não tratam, explicitamente, de relacionamento grupal, concentrando-se, antes, em ações institucionais missionárias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil junto à população indígena (Rodrigues, 2016; Costa, 2017).

Mesmo sem possibilidade de conferir a consistência da afirmação, ainda em 2002, uma dissertação de mestrado sobre “o imigrante alemão e o escravo no Rio Grande do Sul” afirmava, em seu subtítulo, que esta era “uma relação ausente na historiografia sul-rio-grandense” (Charão, 2002). Tradicional[116]mente, circulavam referências mais folclóricas sobre negros na “colônia”, como aquelas que apontavam para nomes e sobrenomes alemães, entre eles, além do fato de alguns só falarem a língua local predominante (Müller, 1996).

Esta situação mudou. Agora, podemos encontrar artigos com títulos do tipo “‘a fim de adquirir algum escravo, que possa aplicar ao serviço da lavoura nas terras que lhe foram destinadas’: notas sobre imigração alemã e escravidão no Brasil meridional nos oitocentos” (Mügge e Staudt, 2012). Vários textos abordam aspectos de relacionamentos problemáticos, entre os dois grupos: “na ‘casa dos moreno’: relações interétnicas ou solidão negra em terra de alemão?” (Ferreira e Fucks, 2014); ou “‘nóis vivia nas terras dos outros’: o cotidiano de negros escravos em uma colônia alemã (1861-1887)” (Freitas, 2014). Também há publicações que privilegiam o registro de memórias de negras e de negros, como “mulheres e o associativismo negro em Novo Hamburgo (RS)” (Magalhães e Schemes, 2013).

Ainda que agora enfocadas sob um olhar “crítico”, situações “folclóricas” sobrevivem – e são tratadas em artigos que podem levar o título “afro-pomeranos: entre a Pomerânia lembrada e a África esquecida” (Weiduschadt e Beiersdorf, 2013), ou “relações interétnicas e formas de acesso à terra: reciprocidade e dependência entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul” (Schneider e Menasche, 2016).

*

Como no estudo anterior, também neste o tema “educação” ocupa posição importante, em termos numéricos. Na “cultura historiográfica”, circulam, por exemplo, muitos relatos sobre a preocupação dos primeiros imigrantes e de seus descendentes em construir escolas, antes de igrejas. Não admira, portanto, que, com 21 textos, o assunto apareça em quinto lugar, nesta amostragem bibliográfica.

Considerando que os comentários a serem feitos são poucos, não posso deixar de referir certa estranheza manifestada no estudo anterior em relação a algumas dissertações e teses sobre educação – surpreendentemente, os exemplos a serem arrolados se referem ao ensino de matemática. Duas citações expressas, buscadas em dois trabalhos diferentes, podem clarear os motivos da estranheza. “É possível afirmar que os conteúdos aprendidos na escola eram concebidos como jogos de linguagem marcados pelo formalismo e abstração, que objetivavam ensinar o alfabeto, a leitura, a escrita, *decorar a tabuada* e, principalmente, estudar a bíblia’. Desta forma, o ensino recebido pelos entrevistados referidos na [117] dissertação ‘não foi responsável pela geração dos saberes dos colonos, pois esses foram apreendidos de geração a geração, e aprimorados pelos colonos de acordo com a necessidade de sua utilização, uma vez que os próprios colonos

afirmam que na escola não aprenderam nada ‘sobre a roça’”. A segunda citação: “Sobre a matemática escolar, constatou-se que para os familiares dos participantes da pesquisa era importante que seus filhos dominassem as regras e os jogos de linguagem da matemática escolar, para, com isso, ‘honrar’ sua descendência alemã e preservar o *Deutschtum* [a germanidade]. Também foi possível identificar dois rituais de matemática escolar que operavam como forma de reforçar a manifestação da verdade de que os ‘alemães são superiores’” (Gertz, 2022, p. 93-94).

Estes são apenas dois exemplos de trabalhos acadêmicos “críticos” em relação à educação na “colônia alemã”. Interessantemente, nenhuma abordagem “revisionista” deste tipo se encontra nos 21 artigos aqui analisados. Praticamente metade deles (10) se dedica à história e à memória escolares, em diversas situações e regiões do estado, quatro são comentários gerais sobre educação, quatro se referem à “nacionalização” das décadas de 1930/40, e três abordam o magistério e sua formação. Mas nenhum deles “radicaliza”, em sua abordagem.

*

Se, portanto, é possível verificar que a importância numérica da bibliografia sobre a área educacional é semelhante, nas duas amostragens, mas que há algumas diferenças de ênfase, na rubrica “sul” esta divergência não existe. Na primeira análise, ela ocupou o quarto lugar, aqui ocupa o sexto, mostrando sua presença significativa, nas duas situações. A equivalência, a semelhança entre teses/dissertações e artigos em revistas não é só numérica – ela também se verifica no campo do conteúdo.

Mesmo que a colonização alemã em São Lourenço do Sul e em outros municípios da região seja citada no livro clássico *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul* de Jean Roche (2022), ele não lhe dedica nenhum subcapítulo específico, enquanto dá destaque, por exemplo, à “enxamagem” populacional em direção ao oeste. Como já enfatizado, esta situação está bastante disseminada também no senso comum, quando se refere à colonização alemã, fato que se refletiu na bibliografia tradicional.

Mas esta situação mudou, significativamente, nos últimos anos. De pouco referida, passou a ser destaque, na produção bibliográfica. E há, no mínimo, dois aspectos a ressaltar. Recente livro de Patrícia Bosenbecker (2020) está in[118]titulado *Uma colônia cercada de estâncias: a inserção de imigrantes alemães na colônia São Lourenço/RS (1857-1877)*. Se a massa das “colônias alemãs” “clássicas” foi estabelecida,

sobretudo, em regiões de floresta, na “metade” norte do estado, com reduzida densidade populacional de outras origens étnicas, nesta região a situação foi diferente. Abstraindo do caso de Porto Alegre, onde aconteceu uma “infiltração” de “alemães”, no decorrer do tempo, a quase totalidade das povoações que vieram a constituir cidades típicas se desenvolveu com amplo predomínio deste grupo. Na região “sul”, no entanto, temos, por exemplo, o caso de Canguçu, onde, de forma clara, a população de origem alemã foi se “infiltrando”, aos poucos.

E esta “infiltração” não se deu apenas no perímetro urbano. Dilza Pôrto Gonçalves (2008) apresentou dissertação de mestrado sobre *A memória na construção de identidades étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu*. Ela descreve uma situação tipicamente rural de convivência entre negros e “alemães”, num lugar chamado Manuel do Rego, onde existe uma entidade tão “exótica” quanto uma comunidade religiosa luterana constituída de negros, que já forneceu ao menos um pastor, João José Alves, para aquilo que hoje é a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (Marlow, 2013, p. 60).

Nos artigos, este detalhe socioeconômico e demográfico, sobre o “sul”, porém, não recebeu tanta atenção quanto se poderia esperar. Ele é muito menos citado que um elemento subjetivo, em parte mentalmente “construído”. Como ainda será mostrado, a questão da língua alemã nas regiões “coloniais” é assunto abordado com certa frequência. Isto envolve tanto o alemão-padrão, “clássico”, quanto, sobretudo, dialetos. Empiricamente, não há dúvida de que as referências mais recorrentes quando se trata destes últimos, no Rio Grande do Sul como um todo, se voltam para o “*hunsrückisch*”, ainda que ilhas linguísticas com outros dialetos sejam citadas para diversos lugares. Naquilo que tange ao “sul”, porém, acabou se impondo, de forma sólida, uma identidade “pomerana”. E ela resultou, em grande parte, de um processo de “construção”, como mostraram Regina Weber e Patrícia Bosenbecker (2010), em seu texto intitulado “disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas” – ainda que esta “construção” não fosse totalmente artificial, já que, de fato, existem muitos “pomeranos” na região.

Os efeitos deste processo são tão marcantes que, dos 20 artigos da rubrica “sul”, 11 trazem a palavra “pomerano(a)” no título. E eles não se referem apenas à língua – como em “o bilinguismo pomerano e português na Serra dos [119] Tapes, RS, como característica sociocultural” (Amaral e Mackedanz, 2017). A concepção se estende a uma

“cultura pomerana”, em sentido amplo. A expressão não é inventada por mim, ela aparece, por exemplo, no artigo “a influência da cultura pomerana na transformação do espaço geográfico no extremo sul do Rio Grande do Sul” (Pitano e Romig, 2018). O conceito ampliado também transparece em outros títulos: “entre a agroecologia e a fumicultura: uma etnografia sobre trabalho na terra, cosmologias e pertencimentos entre camponeses pomeranos” (Schneider, 2014); “a música pomerana como narrativa da memória cultural” (Silva, 2014).

Esta tendência, certamente, atende a demandas subjetivas de identidade e de autoimagem da população local, mas há artigos em cujos títulos também transparecem possíveis interesses materialistas como subjacentes à exploração da “cultura pomerana”. Um deles, por exemplo, diz estar “em busca dos sabores rurais pomeranos: patrimônio, turismo e consumo ao sul do Brasil” (Krone e Menasche, 2018).⁹ Outro é mais explícito: “roteiro de turismo rural Caminho Pomerano: aproximações entre aspectos histórico-culturais e atrativos turísticos do roteiro” (Spindler e Santos, 2013). Portanto, há, no mínimo, indícios de que exista interesse em explorar uma característica cultural para fomentar a “indústria” do turismo.

*

Constatei razoável número de dissertações e de teses que se dedicam a “personagens”. O mesmo acontece com os artigos – lá foram 16 casos, aqui são 19. Como há uma dispersão muito grande, neste universo, torna-se difícil tirar conclusões mais amplas, motivo pelo qual me restrinjo a algumas poucas observações marginais. Chama atenção o fato de que como expoente da economia é citado, unicamente, Benno Mentz, ainda que em conexão com sua preocupação em preservar a memória da colonização alemã; de políticos, aparecem Guilherme Gaelzer Neto, Carlos de Souza Moraes, e Leopoldo Petry, mesmo que no caso dos dois últimos também seja destacada sua atuação como intelectuais. Num relance, pode-se dizer que predominam nomes enquadráveis como elite “cultural”. O arquiteto Theo Wiederspahn e o padre Theodor Amstad são lembrados em dois artigos, cada. Com três entradas, [120] deve ser enfatizada a presença do intelectual Herbert Caro, alemão *sui generis*. Fugido da Alemanha, na década de 1930, por ter sido declarado judeu, veio a Porto Alegre, onde permaneceu pelo restante de sua vida. Foi, além de fundador do primeiro curso de língua alemã no pós-guerra, importante

⁹ Nesta mesma direção, existe até um breve “artigo” comentando um vídeo com o saboroso título “saberes e sabores da colônia: *schmier* de melancia de porco” (Schneider, 2015).

tradutor de livros do alemão para o português, jornalista e crítico musical. Os três artigos se referem a estas atividades: “Herbert Caro: crítica jornalística e incentivo da escuta no Rio Grande do Sul” (Freitas, 2012); e “*Herbert Caro: Überleben, Übersetzen, Zusammenleben*“ [Herbert Caro: sobreviver, traduzir, conviver] (Vejmelka, 2010); “a literatura alemã no Brasil – escrevendo e traduzindo entre dois mundos. Os trabalhos de Herbert Caro e Ernst Feder como escrita-entre-mundos” (Arnold, 2017).

*

Considerando que memória e identidade são os elementos mais frequentes com que a bibliografia sobre imigração e colonização alemãs em questão se ocupa, não admira que o tema “língua” apareça com certa frequência, pois um elemento fundamental da identidade grupal costuma ser o cultivo de uma mesma língua. Há algumas poucas referências aos prejuízos causados pela “nacionalização”, durante o Estado Novo (1937-1945), refletidos em textos como “a política linguística da era Vargas e seus efeitos na vida de descendentes de imigrantes alemães de Novo Machado – RS” (Sturza e Fiebke, 2017), ou “*der Zerfall des Schriftdeutschen im Estado Novo?*“ [a decadência do alemão escrito no Estado Novo?] (Woytowicz, 2018). Mas, no mínimo, onze dos 19 artigos se dedicam à língua “alemã” efetivamente falada no Rio Grande do Sul, na atualidade, que são os dialetos. Considerando que o cultivo do alemão nas cidades é restrito, incluindo sua versão “padrão” (*hochdeutsch*), a preocupação com o mundo rural – onde dialetos ainda são falados – denota o enfoque “antropológico”, amplamente presente na bibliografia.

*

Como se sabe, historicamente, a “literatura” produzida por alemães e descendentes no Brasil é considerada de pouca qualidade; da mesma forma, autores de outras origens étnico-culturais não publicaram ficção de peso sobre o processo de imigração e colonização (Gertz, 2017).¹⁰ Esta situação, porém, mudou, [121] nas últimas décadas, em ambos os sentidos referidos. E assim, foram registrados 17 artigos que se dedicam, de alguma forma, ao tema. A cinco deles já se fez referência – os quatro que

¹⁰ Sobre esta literatura mais antiga, pode-se consultar Gerson Neumann (2011).

tratam de *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog, e um que fala de Herbert Caro como tradutor de textos literários.¹¹

Apesar de se referir, de forma genérica, à literatura brasileira, e de incluir *Canaã*, de Graça Aranha, em seus comentários, Mariana Kuhlmann (2010), de fato, se concentra em três autores gaúchos em cuja obra são abordados aspectos da imigração e a da colonização alemãs (Érico Veríssimo, Josué Guimarães e Luiz Antônio de Assis Brasil). Ernani Mügge e Juracy Assmann Saraiva (2015) fizeram algo parecido, ao analisar *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães, *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog, e *A face do abismo*, de Charles Kiefer.

A literatura, aparentemente, constitui elemento *sui generis* na formação da “cultura historiográfica” sobre imigração e colonização alemãs –, e, em alguns casos, parece criar “ícones”, como no caso das referências recorrentes a *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog. Surpreendente é que se registram quatro artigos dedicados, de forma exclusiva, ao romance *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães, além de ele aparecer em mais dois, ao lado de obras de outros autores (Aquino, 2010; Bocchese e Arendt, 2011; Ortiz, 2017; Tavares, 2011; Kuhlmann, 2010; Mügge e Saraiva, 2015).

*

Além das categorias até aqui arroladas, estabeleci mais 14 outras, perfazendo um total de 85 artigos, mas, individualmente, são de pouco peso para o conjunto, com números absolutos que vão de 15 a 3, percentualmente de 4,5% a 0,9%. Por isso, só farei brevíssimos comentários genéricos sobre elas.

Sob “dinâmica social” interna, com 15 entradas, aparecem tradicionais referências ao empreendedorismo, ao capital social e às relações de trabalho, sobretudo nas comunidades urbanas. Quanto ao mundo rural, são lembradas as migrações internas, as diferenciações regionais, a convivência “colonial”, merecendo, neste campo, citação artigo de Eduardo Relly (2018) “construindo a ‘picada’: colonização florestal, capital social e obrigações comunitárias em Picada Felipe Essig, Travesseiro/RS” – mesmo tratando de um objeto de amplitude limitada, está acompanhado de conjecturas teóricas de abrangência mais ampla.

¹¹ Como curiosidade, registre-se o fato de que há dois artigos – ainda que dos mesmos autores – dedicados a Arno Philipp, como tradutor de obras literárias brasileiras em língua portuguesa para o alemão, a fim de serem “consumidas” na “colônia” (Pereira e Piaia, 2013; Piaia e Pereira, 2013).

Das 12 ocorrências em “artes”, sete abordam a música, três a arquitetura, um se refere a monumentos, e um a artes plásticas.

Apesar de ter dado o nome “saúde/doença” a um dos grupos de textos, apenas dois deles apontam para o primeiro elemento do binômio – um sobre banhos medicinais, outro sobre cuidados públicos com saúde. Seis tratam de fatores de morbidade, de suicídio, de depressão, de alcoolismo, de envelhecimento; um apresenta a história de médicos alemães, no estado.

Merece menção o tema “esportes”, com um total de oito ocorrências. Além de uma dedicada ao futebol, trata-se, basicamente, de ginástica e de outros esportes “tipicamente alemães”. Não se pode deixar de acentuar que a quase totalidade de autores e de autoras possui algum vínculo com Janice Zarpellon Mazo, professora na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, a antiga ESEF, da UFRGS. Ela tem dado contribuição importante para a recuperação da história de iniciativas e de atividades esportivas na “colônia alemã”, seja em Porto Alegre, seja no interior.

“Alemães” – claro, também “italianos”, “poloneses” e outros – vêm sendo acusados de terem agredido o “meio ambiente” gaúcho. Por outro lado, porém, não há como negar que sobrenomes de origem alemã aparecem com frequência entre aqueles que desencadearam e fomentaram entidades e ações para preservá-lo ou para recuperá-lo. Em sete artigos, ambos estes vieses são abordados.

Ao contrário daquilo que se poderia esperar em função da “cultura historiográfica” em torno de imigração e colonização alemãs, apenas seis articulistas focaram a “economia”, três a industrial, três a agrícola.

Seis artigos foram enquadrados em “alimentação/gastronomia”. Considerando as dificuldades históricas de encontrar comida suficiente, rememoradas na tradição oral, não só nos momentos iniciais do estabelecimento, causa certa surpresa o fato de que nenhum deles tente mostrar a luta pela sobrevivência física alimentar. Predominam, antes, referências à gastronomia em hotéis e em restaurantes da moda, ao café colonial, à sociabilidade que envolve a preparação de comida.

Desta forma, alimentação e gastronomia se aproximam da temática “turismo”, com cinco casos. Dois deles falam da “rota romântica”, um fala, especificamente, da serra gaúcha (Nova Petrópolis), um do “caminho pomerano”, e um é geral.¹²

[123] A “imprensa” de língua alemã foi, numericamente, bastante forte, mas totalmente desmantelada no processo de “nacionalização”, durante o Estado Novo. Este desaparecimento, há mais de 80 anos, parece ser o responsável pela escassez de interesse em escrever sobre ela. Dos cinco artigos arrolados, dois tratam da revista católica *Sankt Paulus-Blatt*, ainda em circulação, dois tratam de imprensa eclesiástica luterana, e um trata de um almanaque humorístico que circulou na década de 1930.

Ao contrário da expectativa pessoal, também a categoria “gênero” “decepcionou”, com apenas cinco entradas.¹³

O mesmo acontece com o tema “colonização”, em que se imaginava, sobretudo, número maior de referências a empresas e a iniciativas pessoais, pelo interior do estado.

O cooperativismo como produto da “colônia alemã” é cantado em prosa e verso, mas não foi possível achar mais de quatro autores e autoras para a categoria “associativismo” – interessante foi que apenas um deles aborda o cooperativismo socioeconômico, os demais se referem a associações esportivas ou culturais.¹⁴

Encontrei quatro referências ao episódio “*mucker*”, três ao original, em Sapiranga, uma a um suposto ou efetivo movimento inspirado no mesmo – “o caso da nova Jacobina: a ‘Revolta dos Muckers’ em São Lourenço do Sul/RS” (Gehrke, 2018b).

Também em sentido inverso à previsão pessoal – motivada pelo conhecimento de uma série de estudos sobre funcionamento e administração de justiça –, a rubrica “conflitos internos” apresentou apenas três registros.

*

A conclusão historiográfica que as considerações feitas sugerem é que se escreveu bastante sobre imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul, na década passada. Que há assuntos tradicionais que foram retomados, mas que chama atenção a preocupação, bastante difundida, com aspectos “antropológicos”, incluindo a

¹² Em contrapartida, 16 dissertações e/ou teses tratam do assunto.

¹³ Claro, a expectativa pessoal não derivava do número de ocorrências entre teses e dissertações, onde também só foram quatro.

¹⁴ Entre as teses e as dissertações, foram 10 casos.

“descoberta” da região “sul”, em torno de São Louren[124]ço do Sul, Pelotas, Canguçu. Em outro sentido, chama atenção a escassez de publicações, *em revistas*, sobre assuntos como gênero, conflitos internos, cooperativismo.

Referências bibliográficas:

ACHINSKI, Juliana Bezerra Oliveira; MEDEIROS, Márcia Maria de. A identidade dos descendentes de alemães em *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog. *História e Cultura*, Franca: UNESP, v. 3, n. 1, p. 299-311, 2014.

AMARAL, Luís Isaías Centeno do; MACKEDANZ, Daiane. O bilinguismo pomerano e português na Serra dos Tapes, RS, como característica sociocultural. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, v. 32, n. 62, 2017.

AQUINO, Ivânia Campigotto. *A ferro e fogo*: elementos fundamentais do gênero romance na forma e no conteúdo. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo: UPF, v. 6, n. 2, p. 237-261, 2010.

ARNOLD, Sonja. A literatura alemã no Brasil – escrevendo e traduzindo entre dois mundos. Os trabalhos de Herbert Caro e Ernst Feder como escrita-entre-mundos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: UFSC, v. 37, n. 1, p. 188-207, 2017.

BOCCHESI, Marcell; ARENDT, João Claudio. Sobre cabarés, figurões e prostitutas em *A ferro e fogo I*, de Josué Guimarães. *Conexão*, Caxias do Sul: UCS, v. 10, n. 19, p. 127-140, 2011.

BOSENBECKER, Patrícia. *Uma colônia cercada de estâncias*: a inserção de imigrantes alemães na colônia São Lourenço/RS (1857-1877). Pelotas: Editora da UFPel, 2020.

BRUM Neto, Helena. *Os territórios da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente, 2012.

CADORE, Marcos César. *O borgismo no Alto Taquari*: uma análise das relações de poder coronelistas nas colônias alemãs e italianas (1903-1928). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

CAMPOS, Carlos Henrique; LAROQUE, Luís Fernando da Silva. O processo emancipacionista do município de Teutônia/RS/Brasil. *Destaques Acadêmicos*, Lajeado: UNIVATES, v. 3, n. 2, p. 99-106, 2011.

CHARÃO, Ricardo Brasil. *O imigrante alemão e o escravo no Rio Grande do Sul: uma relação ausente na historiografia sul-rio-grandense*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2002.

COSTA, Fernanda Caroline Cassador. O fazer missionário, o fazer política: construção de relações para a atuação missionária na terra indígena Guarita, nas décadas [125] de 1960 a 1980. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados: UFGD, v. 19, n. 34, p. 257-279, 2017.

CRISTO, Tuani; VOLKMER, Márcia Solange. Entre a farda e a moral positivista: o papel da Guarda Municipal de Lajeado (1891-1905). *Destaques Acadêmicos*, Lajeado: UNIVATES, v. 8, n. 2, p. 223-242, 2016.

DIEL, Paulo Fernando. O retorno dos jesuítas ao Brasil e a atuação missionária entre os imigrantes alemães no sul do Brasil (1844-1938). *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, v. 21, n. 2, p. 287-320, 2017.

DORNELLES, Soraya Sales. A História em *As vítimas do bugre*, ou como tornar-se bugre na História. *Anos 90*, Porto Alegre: UFRGS, v. 18, n. 34, p. 245-278, 2011.

DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade: um estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo/Porto Alegre/Caxias do Sul: Editora Sinodal/EST/EDUCS, 1984.

FERREIRA, Letícia de Faria; FUCKS, Patrícia Marasca. Na “casa dos moreno”: relações interétnicas ou solidão negra em terra de alemão? *Cadernos do LEPPARQ*, Pelotas: UFPel, v. XI, n. 22, p. 471-481, 2014.

FREITAS, Ana Laura Colombo. Herbert Caro: crítica jornalística e incentivo da escuta no Rio Grande do Sul. *Webmosaica: Revista do Instituto Marc Chagall*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 71-82, 2012.

FREITAS, Ubiratã Ferreira. “Nóis vivia nas terras dos outros”: o cotidiano de negros escravos em uma colônia alemã (1861-1887). *História UNICAP*, Recife: UNICAP, v. 1, n. 2, p. 174-191, 2014.

GEHRKE, Cristiano. *Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses e italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes*: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio) – Universidade Federal de Pelotas, 2018a.

GEHRKE, Cristiano. O caso da nova Jacobina: a “Revolta do Muckers” em São Lourenço do Sul/RS. *História em Revista*, Pelotas: UFPel, v. 21, n. 22, p. 311-325, 2018b.

GERTZ, René E. Os luteranos no Brasil. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa: UEPG, v. 6, n. 2, p. 9-33, 2001.

GERTZ, René E. Imigração, história, literatura: a Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 152, p. 97-113, 2017.

GERTZ, René E. Imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul: levantamento historiográfico. In: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (orgs.). *Imigração e emigração: balanço historiográfico no sul do Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2022, p. 87-109.

[126] GEVEHR, Daniel Luciano; DILLY, Gabriela. Os estranhamentos entre aqueles que estavam e aqueles que chegam: representações sobre o espaço e as relações entre indígenas e imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. *História UNICAP*, Recife: UNICAP, v. 3, n. 6, p. 383-398, 2016.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. *A memória na construção de identidades étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

GRÜTZMANN, Imgart. NSDAP – Ortsgruppe Porto Alegre, comemorações do 1º de maio (1933-1937), participantes. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 274-289, 2018.

GUIDINI, Ian Lucas Dalbosco. Porque combatemos o nazismo: o jornal *Diário da Manhã* de Passo Fundo e seu discurso antinazista (1938-1945). *Revista Historiador*, Porto Alegre, ano 10, n. 10, p. 123-138, 2018.

HORBACH, Aline Regina. *A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KLAUCK, Samuel. Representações da organização familiar e comunitária dos teuto-brasileiros católicos do Rio Grande do Sul a partir da revista *St. Paulus-Blatt* (1912-1934). *História: debates e tendências*, Passo Fundo: UPF, v. 14, n. 1, p. 141-152, 2014.

KRONE, Evander Eloí; MENASCHE, Renata. Em busca dos sabores rurais pomeranos: patrimônio, turismo e consumo ao sul do Brasil. *Studium – Revista de Humanidades*, Zaragoza, n. 24, p. 217-242, 2018.

KUHLMANN, Mariana Corallo M. de A. A imigração alemã na literatura brasileira: uma breve análise. *Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, São Paulo, ano 3, n. 3, 2010.

MAGALHÃES, Magna Lima; SCHEMES, Claudia. Mulheres e o associativismo negro em Novo Hamburgo (RS). *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo: UNISINOS, v. 2, n. 9, p. 217-232, 2013.

MARLOW, Sérgio Luiz. *Confessionalidade a toda prova: o Sínodo Evangélico Luterano do Brasil e a questão do germanismo e do nacional-socialismo alemão durante o governo de Getúlio Vargas no Brasil*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2013.

MODES, Josemar Valdir. Região e fronteira da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã: um espaço cultural definido, mas em constante mudança. *Revista Batista Pioneira*, Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, v. 6, n. 1, p. 53-72, 2017.

MOLINA, Glória Silvina Lia Fernández. *Um estudo comparado sobre o desenvolvimento industrial de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010.

[127] MOSSMANN Sobrinho, Paulo Gilberto. Os *Deutsch-Brasilianer* na compleição política sul-rio-grandense, no início da República: uma ameaça ao projeto de hegemonia política do PRR no alto Vale do Sinos. *Historiæ*, Rio Grande: FURG, v. 4, n. 1, p. 147-160, 2013.

MÜGGE, Ernani; SARAIVA, Juracy Assmann. Entre diásporas: o ciclo da migração alemã na ficção gaúcha. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul: UCS, v. 7, n. 13, p. 142-158, 2015.

MÜGGE, Miquéias Henrique; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. “A fim de adquirir algum escravo, que possa aplicar ao serviço da lavoura nas terras que lhe foram destinadas”: notas sobre imigração alemã e escravidão no Brasil meridional nos oitocentos. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul: UCS, v. 11, n. 22, p. 175-196, 2012.

MÜLLER, Alex Juarez. As relações do vale do Sinos com a Primeira Guerra Mundial. *Semina*, Passo Fundo: UPF, v. 13, n. 1, p. 46-61, 2014.

MÜLLER, Telmo Lauro. Negros de fala alemã. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996, p. 238-239.

NEUMANN, Gerson Roberto. A busca por um local? Uma literatura sem lugar definido no contexto brasileiro. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul: UCS, v. 3, n. 6, p. 105-119, 2011.

ORTIZ, Eduardo. Jean Roche nas entrelinhas de Josué Guimarães: a influência de A colonização alemã e o Rio Grande do Sul na construção de *A ferro e fogo*. *História em Revista*, Pelotas: UFPel, n. 23, p. 127-145, 2017.

PEREIRA, André Luís Metidieri; PIAIA, Miquela. Para alemão ler: Alencar e Taunay por Arno Philipp. *Fronteiraz*, São Paulo: PUCSP, n. 10, p. 259-278, 2013.

PIAIA, Miquela; PEREIRA, André Luís Metidieri. Micro-história de uma tradução literária no acervo Arno Philipp. *Miscelânea*, Assis: UNESP, v. 14, p. 51-70, 2013.

PIRES, Lívia Claro. Os inimigos da nação: a Liga Brasileira pelos Aliados e os discursos sobre o “perigo alemão” durante a Grande Guerra (1915-1919). *Oficina do historiador*, Porto Alegre: PUCRS, v. 8, n. 1, p. 61-80, 2015.

PITANO, Sandro de Castro; ROMIG, Karen Laiz Krause. A influência da cultura pomerana na transformação do espaço geográfico no extremo sul do Rio Grande do Sul. *Formação*, Presidente Prudente: UNESP, v. 25, n. 46, p. 109-128, 2018.

REDEL, Elisângela; FORTES, Rita Felix. Maria Perutz e Marta Wolff: subversão do racismo alemão em *Canaã* e *Um rio imita o Reno*. *Estação Literária*, Londrina: UEL, v. 10B, p. 98-110, 2013.

RELLY, Eduardo. Construindo a “picada”: colonização florestal, capital social e obrigações comunitárias em Picada Felipe Essig, Travasseiro/RS. *Ágora*, Santa Cruz do Sul: UNISC, v. 20, n. 1, p. 112-123, 2018.

[128] ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2022.

RODRIGUES, Cíntia Régia. Evangelische Indianermission: a IECLB e a missão entre os índios. *Anos 90*, Porto Alegre: UFRGS, v. 23, n. 43, p. 367-388, 2016.

SACHINSKI, Juliana Bezerra de Oliveira; MEDEIROS, Márcia Maria de. A identidade dos descendentes de alemães em “Um rio imita o Reno”, de Vianna Moog. *História e Cultura*, Franca: UNESP, v. 3, n. 1, p. 299-311, 2014.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. Um isolamento opcional: a construção da imagem do imigrante não integrado ao Brasil na obra *Um rio imita o Reno*. *Mnemosine – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG*, Campina Grande, v. 5, n. 2, 2014.

SCHMIDT, Diogo Serafim. *Valores étnicos e empreendedorismo: um estudo sobre a mentalidade empreendedora de descendentes de alemães e de italianos no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SCHMITT, Ânderson Marcelo. “A mais estrita neutralidade em assuntos que nada vos diz respeito”: a participação de imigrantes alemães na guerra civil sul-rio-grandense (1835-1845). *Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 10, n. 1, p. 201-219, 2017.

SCHNEIDER, Maurício D. Entre a agroecologia e a fomicultura: uma etnografia sobre trabalho na terra, cosmologias e pertencimentos entre camponeses pomeranos. *Etnográfica*, Lisboa, v. 18, n. 3, p. 651-669, 2014.

SCHNEIDER, Maurício D. Saberes e sabores da colônia: *Schmier* de melancia de porco. *Novos Debates*, Brasília: ABA, v. 2, n. 1, p. 264-267, 2015.

SCHNEIDER, Maurício D.; MENASCHE, Renata. Relações interétnicas e formas de acesso à terra: reciprocidade e dependência entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa: UFPB, n. 45, p. 123-138, 2016.

SILVA, Danilo Kuhn da. A música pomerana como narrativa da memória cultural. *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas: UFPel, v. 11, p. 1-26, 2014.

SOARES, Luiz Francisco Matias. Nazismo no Brasil meridional durante o Estado Novo. *Missões: Revista de Ciências Humanas*, São Borja: UNIPAMPA, v. 2, n. 2, p. 124-132, 2016.

SPINDLER, Magda Micheline; SANTOS, Eurico de Oliveira. Roteiro de turismo rural Caminho Pomerano: aproximações entre aspectos histórico-culturais e atrativos turísticos do roteiro. *CULTUR – Revista de Cultura e Turismo*, Ilhéus: UESC, ano 7, n. 3, p. 105-130, 2013.

STURZA, Eliana Rosa; FIEPKE, Rejane Beatriz. A política linguística da era Vargas e seus efeitos na vida de descendentes de imigrantes alemães de Novo Machado – RS. [129] *Revista Ribanceira – Revista Trimestral de Letras da Universidade do Estado do Pará*, Belém: UEPA, n. 8, p. 122-133, 2017.

TAVARES, Eneias Farias. Intervenções do texto bíblico no romance *Tempo de solidão*, de Josué Guimarães. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá: UEM, v. 33, n. 1, p. 107-112, 2011.

VEJMEKKA, Marcel. Herbert Caro: Überleben, Übersetzen, Zusammenleben. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 57, p. 139-158, 2010.

VOIGT, Elizandra. *Paisagem e diversidade cultural: as identidades culturais das distintas etnias em Santa Maria – RS*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

WEBER, Regina; BOSENBECKER, Patrícia. Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas. *Cadernos do CEOM*, Chapecó: UNOCHAPECÓ, ano 23, n. 32, p. 347-369, 2010.

WEIDUSCHADT, Patrícia; SOUZA, Marcos Teixeira de; BEIERSDORF, Cassia. Afro-pomeranos: entre a Pomerânia lembrada e a África esquecida. *Identidade!*, São Leopoldo: EST, v. 18, n. 2, p. 249-263, 2013.

WITT, Marcos Antônio. A historiografia das migrações alemãs no Bicentenário (1824-2024). In: MONSMA, Karl (org.). *Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022, p. 23-59.

WOYTOWICZ, Lisa. Der Zerfall des Schriftdeutschen im Estado Novo? *Pandaemonium germanicum*, São Paulo: USP, v. 21, n. 33, p. 88-112, 2018.